

vinte e um imaginários para uma outra educação

Carlos Rodrigues Brandão

1. Podemos pensar desde a pedagogia, mas capaz de ir até além dela. Uma educação em diálogo com outras maneiras de sentir, pensar e praticar a vocação de ensinar-e-aprender. Devemos não permitir que a educação seja pensada apenas como algo que existe apenas entre a ciência-e-a-técnica.

Podemos relativizar uma educação centrada apenas nos limites do *didático-científico*, em favor de uma vocação equilibradamente também *dialógico-poética*. Podemos aprender a *poetizar* a educação e *poetizar* a escola.

2. Ousemos des-apressar o aprender. Saibamos retardar o que-saber-para-fazer, em nome do saber-viver-para-ser. Saibamos dar mais e melhor tempo a lentas e humanizadas progressões escolares. Podemos aprender a criar mais momentos voltados ao *poético* por oposição ao *prosaico*. Uma educação mais aberta ao devaneio, ao imaginário, por oposição ao puramente lógico e pretensamente científico. Uma educação voltada a momentos amorosamente *dialógicos*, por oposição ao pedagogismo egoisticamente monológico.

Uma educação formadora e, se necessário, exigente, mas aberta também ao *poiético*, como a construção da poesia-de-si-mesmo na pessoa de cada aluna/o, por oposição ao pragmático, como a mera instrução do indivíduo para produzir apenas... coisas.

Uma educação que parta do princípio de que crianças, jovens, adultos, não são seres a serem condicionados, adestrados, repaginados, instruídos, funcionalizados, robotizados. Eles existem e se educam para passo a passo serem algum além do que são. Aprendemos a saber como a grande aventura da espécie humana. Aprendemos para não apenas sermos seres da informação ou mesmo do conhecimento, mas seres do saber. Seres a caminho da sabedoria.

Educamos e aprendemos para desvelar em nós “a obra de arte de si-mesmo”.

3. Entre a palavra e o silêncio, de que se nutrem a vida, a relação entre pessoas e a educação, existe o *ruído*. Vidas, relações e a educação e a escola estão sendo invadidas pelo ruído de uma forma e com uma velocidade terríveis. A eletrônica que tem aportado grandes benefícios tem também provocado grandes danos a uma atenção plena, à concentração, e ao desejo e o deleite da vivência profunda.

Saibamos criar uma educação centrada na relação entre a palavra e o silêncio, ao invés de uma educação invadida de ruídos entre o silêncio e a palavra. Menos *adrenalina* na escola e mais *endorfina*.

4. Podemos recriar na escola o direito ao improviso, ao imprevisível, ao criativo, remando contra o pré-estabelecido, o previsto, o previsível. Enfim: o “empacotado” Conspiremos contra a mecanização e a rasteira funcionalização do ensinar, como aquela que se estabelece em cima de programas de curso rigidamente pré-montados e sem margem a que a professora seja uma criadora de seu próprio ensino em sua sala de aulas.

Saibamos retomar as aulas e diálogos criados a partir de roteiros fluidos a serem construídos no próprio momento da aula ou da fala. Que a aula seja um criativo “laboratório” entre palavras e escutas de um lado e do outro. E não um lab-oratório, quando um professor fala como quem instrui e os estudantes apenas perguntam para serem somente melhor... informados sobre isto e aquilo.

Ousemos relativizar o primado crescente das “aulas datashow”. Podemos aprender a utilizar inventivamente os aportes da informática, em nome de um saber criativo e elaborado no momento do ensinar-aprender. Um com-saber com pleno direito ao improviso de parte do professor e de alunos.

Assim, poderemos redescobrir como retomar a aula em que a fala de parte-a-parte constrói o seu próprio saber, ou invés de reduzir-se a um repetitivo empilhamento de informações prontas, e não aberta à criação do debate franco e à descoberta do *sabor do saber no acontecer do ensinar e aprender*.

5. Tenhamos a coragem de abolir ou reduzir o quanto seja possível as competições e as concorrências fortemente individualistas. A escola não é um estádio e nem a educação é uma olimpíada.

Saibamos colocar em segundo ou mesmo em terceiro plano, se não pudermos eliminar de todo as competições entre pessoas. E, mais ainda, as “ranquicisações”, do tipo “quadro de honra”.

Trabalhemos em nome de uma escola de partilhas e de construções coletivas, solidárias e não comparáveis em termos de escalas e hierarquias.

Saibamos relativizar a *individualização competitiva*, em favor de uma *individuação cooperativa*. Saibamos abolir ou reduzir as premiações excludentes, pois nos pódios sempre só cabem três. E todas e todos os outros?

Quando será que a escola e a educação irão atribuir valores e prêmios para os estudantes mais solidários, os mais “abertos-ao-outro”, mais cooperativos, mais com o “espírito de equipe”. Pessoas voltadas a

dialogar em e entre equipes, em lugar dos solitários estudantes obcecados pelo seu exclusivo desempenho individual... e por sua coleção de medalhas?

Afinal, queremos produzir pessoas-máquinas para os poderes e as utilidades do mercado, ou a nossa missão é formar pessoas humanas devotadas à construção de uma sociedade solidária e generosamente humanizada?

6. Podemos repensar a pedagogia como a arte de criar, de gerar, de partilhar e de fazer circular as nossas sensações, nossos saberes, nossos sentidos, nosso significados e as nossas sensibilidades, como o *território do encontros* aberto a desafiar pessoas e grupos de pessoas a aprenderem e integrarem conhecimentos em direção a uma partilhada sabedoria-de-si-mesmo. E também abertas a acolherem as informações necessárias apenas de forma complementar e acessória para uma construção pessoal e coletiva de saberes.

Não esqueçamos que aprender significa criar saberes junto-com-o-meu-outro, para depois interiorizar a-minha-parte-pessoal de um com-saber solidariamente e coletivamente construído.

Lembremos que a trajetória que vai da *informação*, como aquilo que se adquire e acumula manual-e-instrumentalmente sem reflexão e partilha, até o *conhecimento*, como aquilo que interioriza através de diálogos reflexivos e críticos com outros; e chega finalmente ao *saber*, como aquilo que se cria apenas em situações de partilha e que flui entre todos, sem ser uma posse de ninguém.

7. Portanto, ousemos re-centrar o processo do ensino-aprendizagem no “acontecer do aprender”, e recolocá-lo no interior da vida de equipes e na experiência pedagógica do criar-entre-nós.

Transformemos a sala-de-aulas e a turma-de alunos em uma *comunidade aprendente*. Uma pequena e viva comunidade centrada no trabalho da pessoa-com-os-outros, e não no esforço egoísta do indivíduo-contra-os-outros, à margem da equipe, da turma, da pequena e ativa comunidade que sabe o que aprende. E que sabe aprender o que constrói.

8. Podemos re-vivenciar a experiência do aprender como um trabalho realizado sobre a reminiscência, sobre a lembrança do vivo e do vivido, sobre a memória do partilhado, em interação com o que está acontecendo aqui-e-agora.

Saibamos trabalhar para que o foco do ensinar-aprender parta não apenas de um concreto-abstrato dominado pelo professor e subordinado à rotina de um programa”. Mas que ele venha a ser algo vivo e rememorado em e entre situações pessoais e interativas vividas e

pensadas por equipes de alunos desde a experiência de momentos-foco de suas vidas cotidianas.

Se este trajeto tem sido experimentado desde muitos anos atrás com terapias que pretendem partir do e atingir o âmago da vida interior de pessoas, porque não fazer o mesmo com a educação? Claro, em sua medida e no interior de sua vocação e de seus limites. A verdadeira educação é terapêutica também. Se atentarmos para o sentido original da palavra grega, “terapia” = “cuidado do ser”.

Pois estamos pensando aqui em uma educação que somente pode pretender ser integral e transdisciplinar se tomar como seu ponto de partida o núcleo pessoal-e-dialogável entre cada um e entre todas e todos os seus participantes.

Para tanto, é preciso lembrar que qualquer que seja a pessoa-aluno que temos diante de nós, estamos sempre frente a uma fonte pessoal, única, sagrada e irrepetível de suas próprias vivências, experiências, sentidos, sensibilidades e saberes.

Compreendido de dentro para fora e a partir de si mesmo, o “pior de meus alunos” bem pode ser um sábio-de-si-mesmo.

9. Sem temor algum, saibamos recolocar o foco da educação naquilo que até a algum tempo atrás costumávamos chamar de “espiritualidade”, de “vida interior”; de “busca pessoal e interativa do bem, do belo e do verdadeiro”.

Por que será que esses profundos e ancestrais valores da trajetória da humanidade no Planeta Terra parecem hoje “coisa do passado”, em tempos em que a eficácia do momento, a superficialidade competente e a descartabilidade de tudo e de todos parece colonizar a cada momento mais e mais espaços de nossa própria *vida interior*? Ou será que isto “já não existe mais?”

10. Saibamos relativizar muito a tendência crescente a funcionalizar a educação para capacitar o *competente-e-produtivo*, em nome de nossa vocação de educadores, centrada no re-humanizar a educação para formar o *consciente-criativo*. Vivemos tempos em que um novo herói parece estar chegando: o *empreendedor*. Nada mal, se esta figura não viesse do mundo utilitário e competitivo do mercado. Em seu lugar, lutemos por formar *pessoas de iniciativa*, voltadas a colaborar para se construírem integralmente a si-mesmas e aos seus outros

Ousemos recolocar no foco da educação o interminável diálogo constante da nossa *comunidade aprendente*, a partir da informação útil e disponível, mas sempre buscando ir bastante além dela. Nossas crianças não estão destinadas a aprenderem apenas o “inglês funcional”, para saberem a falar com máquinas e com empresários. Estão

vocacionadas a aprender inglês (e tudo o mais) para saberem ler Shakespeare e Robert Frost.

Podemos dedicar menos tempo a lidar com fragmentos de poesia-instrumental para ensinar gramática-funcional a estudantes apressados, dedicando mais e melhor tempo-vivo-na-escola para trabalhar gramáticas-profundas e filosofias das idéias destinadas a criar leitores atentos e fervorosos de Cecília Meireles, de Clarice Lispector, de Marilena Chauí, de Rubem Alves e de João Guimarães Rosa.

11. Aprendamos a realizar de fato, e não apenas nas teorias dos simpósios e congressos sobre transdisciplinaridade, tanto interações quanto integrações de igual para igual entre a arte, a filosofia, a espiritualidade e a ciência.

Saibamos criar currículos em que a música recobre o seu lugar na sala de aulas, e dialogue por igual com a matemática e com a dança. E que nossas crianças dançam com a geografia e criem territórios de vida ousada e criativa, muito para além das teóricas informações sobre a vida. Deixemos que a poesia seja um dos motivos de se ensinar “língua pátria”, e o Universo estenda as nossas ciências ao infinito.

Se necessário, podemos aprender com Leonardo da Vinci, Gaston Bachelard, Roland Barthes, Adélia Prado, Antônio Cândido e Heitor Villa-Lobos, Fayga Ostrower, que a arte não é um saber ocioso destinado às horas de recreio, ou de atividades para-escolares.

Ela é um outro saber. Ela poderá vir-a-ser um saber tão humanamente profundo quanto o conhecimento das ciências. Ciências que quanto mais se fazem densas e desafiadoras, tanto mais se aproximam do mistério, da filosofia e da arte.

12. Ousemos levar as integrações-interações entre saberes para além do meramente “transdisciplinar”.

Assim saibamos abrir-nos ao todo e ao complexo da “sabedoria do mundo”. Levemos a sério a proposta de uma educação multicultural a um ponto limite. A um lugar de efetiva fronteira-de-diálogos entre os saberes-de-ciência (ocidental e acadêmica) e os saberes-outros. Todos os outros saberes.

Podemos realizar isto a partir do pressuposto de qualquer outro-saber, vindo de qualquer outra-cultura, é não tanto uma “forma curiosa e interessante de pensar e viver”. Ele é em-si-mesmo e para-nós uma outra fonte original, interativa e complexa de “lição do mundo e da vida”.

Outros saberes, outras sensibilidades, outras criações culturais de compreensão do humano, da vida e do mundo em que a vivemos, e que são, na verdade, diferentes, mas em nada desigualmente “menores” do que os saberes que culturas eruditas do Ocidente produziram.

Os saberes de das universidades de Nova York ameaçam mais a nossa felicidade e a nossa sobrevivência no Planeta Terra do que o dos índios Aymaras e os Guaranis.

13. A partir do aporte de saberes de tradições “de longe”, aprendamos a aquietar um tanto mais a educação. Saibamos *serenar a pedagogia e pausar a didática*.

Talvez o agito das salas de aula e a violência da escolas diminua com a inclusão de momentos de “nada fazer” por alguns bons momentos.

Momentos de criativa serenidade, em que é dado a tudo e a todos o direito de estar-na-sua, serenamente meditando ou aprendendo com aulas de Tai-Chi.

Aulas em que ninguém compete com ninguém, mas cada uma se harmoniza em conjunto com outros. Aprendamos a trazer para o centro da escola práticas destinadas a tranqüilizar o espírito e a serenar o corpo de dentro para fora.

Será que boa parte do que torna nossas alunas “agressivas” e as nossas escolas “violentas” não virá do estarmos trazendo para dentro da escola a mesma lógica, a mesma pressa, a mesma competitividade exaustiva, a mesma ética (ou pseudo-ética) e a mesma sensibilidade do *competitivo-competente* de um mundo-de-mercado que nos coloniza, e que dia-a-dia ameaça colonizar todas as esferas entre a sociedade e a educação, entre a educação e a escola, entre a escola e cada uma de suas habitantes?

Estejamos atentos a não transformar a educação em algo que ao invés de integrar pessoas criativas, desintegre ainda mais indivíduos agitados, através de um acúmulo “em tempo integral” de atividades sucessivas, apressadas e competitivas.

14. No seu sentido mais radicalmente humano e, por isto mesmo, mais transformador, saibamos recolocar a *política* no centro do que se vive na escola. Em primeiro lugar, *política* com o sentido de cuidado da “polis”.

Quando falamos em uma “educação cidadã”, ela deveria ser isto: o aprendizado vivido e vivenciado da corresponsabilidade pela gestão coletiva e amplamente participativa nos destinos de grupos humanos locais, da minha comunidades, da minha cidade, da minha nação e de todo o mundo em que nós vivemos.

Em segundo lugar, *política* como partilha do processo de transformar pessoas - o “conscientizar”, em Paulo Freire - para criar, também a partir da escola e desde a infância, seres humanos com um sentimento e um saber de liberdade e de autonomia, logo, de partilha, de participação e de cogestão ativa e solidária de processos de transformação de nossos mundos de vida e de destino.

Lembremos:

*a educação não muda o mundo
a educação muda pessoas
pessoas mudam o mundo.*

15. Assim, retomemos a idéia do destinar uma educação humanista e radicalmente integral, como a vocação de formar sujeitos conscientes-cooperativos para a transformação humanizadora da sociedade e, não, sujeitos competentes-competitivos para a reprodução da lógica e do poder do mercado do capital.

Uma educação para além do meramente “inclusivo”. Uma educação voltada com prioridade ainda e sempre ao serviço aos “deserdados da Terra e da terra”. Uma educação esquiva aos poderosos, e voltada aos pobres, aos excluídos, ao povo e nossos povos, enfim.

16. Aprendamos a fazer retornar a escola e a educação a práticas do cotidiano, que em suas diferentes escalas saibam remar contra os saberes, os valores e os poderes do sistema capitalista e de seu colonizador mundo dos negócios. Respeitando em cada professora a sua vocação pessoal, as suas escolhas entre religião, ética e ideologia, assim como o seu projeto pessoal de docência a busquemos aproximar a educação de processos e iniciativas próximas de movimentos sociais em prol de algum bem pessoal e social. E também movimentos e frentes populares de resistência luta contra a desigualdade, a exclusão, a acumulação exponencial de riquezas, à exploração do trabalho e da pessoa que trabalha.

Ousemos abrir a escola, para os seus “territórios-do-entorno”, aquilo que podemos chamar de uma “comunidade de acolhida da escola”, como o lugar mais socio-cultural do que meramente geográfico em que uma escola está edificada e inserida.

Saibamos acolher no território-da-escolar os “sábios do lugar”. E dialogar a partir dos “saberes do povo” e de “novos saberes chegando pro aí”, com antigas em novas modalidade de viver-a-vida como: a economia solidária, a simplicidade voluntária, as frentes populares de ação social.

17. Saibamos ousar dar saltos e saltar voos para além-de. E usemos começar esta ousadia poético-pedagógica por um esforço para desvestir a educação integral idas máscaras em que ela aparece como “escolas em que os alunos ficam o dia inteiro dentro delas”. Ou como algo que apenas de leve humaniza e integra valores e fatores de uma educação dominada pela lógica do mundo dos negócios e destinada a reproduzir e reforçar saberes e poderes funcionais e utilitários.

18. Saibamos retomar a educação a uma vocação de fato mais culturalmente “natural”. Em um tempo em que as telas e as conexões eletrônicas parecem deslocar a realidade do mundo-da-vida do vivencial para o virtual, ousemos aprender a retomar os caminhos de genuínas experiências-de-vivência-direta-e-de-partilha-da-natureza.

Talvez tenha chegado o momento de pensarmos – entre tantas teóricas inovações didáticas – se a escola não deveria voltar-se mais a ser parecida com um “acampamento de escoteiros” do que com um “laboratório de internautas”.

19. Enfim lembremos com Sartre que: "uma coisa é o que fizeram de nós. E outra coisa é o que nós fazemos do que fizeram de nós."

Partamos da idéia de que na verdade, se nós de fato quisermos, somos e seremos, nós e os nossos educandos, aquelas e aqueles a quem caberá a continuidade e a densidade do trabalho de transformação de nossas vidas, de nossos destinos, e do presente e futuro de mundos cotidianos e de mundos da história, em cujo interior solidaria e cooperativamente devemos partilhar nossas vidas e destinos.

20. Lembremos, enfim, que somente haverá “um outro mundo possível”, quando, passo a passo, existir em nós e entre-nós um outro ser-humano viável. E este outro ser-humano-mais-humano-e-humanizador somente existirá quando soubermos criar uma outra educação poeticamente humana e politicamente humanizadora.

21. Nunca esqueçamos que não somos professoras-educadoras apenas porque lecionamos, ensinamos. Somos nós as pessoas que desde a antiguidade até hoje, como o nosso trabalho docente – em uma escolinha rural ou em uma universidade – fazemos com que continua e universalmente os saberes da humanidade e a sabedoria do mundo estejam sempre sendo chamados à vida. Ao “ensinar o Teorema de Pitágoras” ou ao ler diante de uma “turma de alunos” um poema de Cecília Meireles”, estamos trazendo da “cultura adormecida” para a “cultura viva”, um teorema, ou um poema.

É através de nós que toda a sabedoria do mundo não apenas existe, mas acorda, acende, revive.

Talvez por isto em um fragmento de um poema que eu recordo de cabeça, um teatrólogo e poeta alemão, Bertolt Brecht, teria escrito isto:

Se não morre aquele que planta uma árvore.

E se não morre aquele que escreve um livro

Com mais razões não deveria morrer nunca aquele que ensina.

Pois ele semeia nas almas

E escreve nos espíritos.

*Este documento compõe uma sequência de escritos
ao redor da antropologia e da educação.
Não os pensei e nem os escrevi com preocupações acadêmicas.
Eles são para serem lidos e dialogados
como “exercícios livres de escrita”.
Estão livres de cuidados preocupações científico-acadêmicas.
E são rascunhos de escritos “atirados nas nuvens”
e solidária e gratuitamente disponíveis para quem os queira ler,
ou dar a eles uma qualquer destinação.
As mesmas palavras e ideias
poderão estar presentes em vários escritos.
Outros escritos meus entre
a literatura, a antropologia e a educação,
podem ser também livre e gratuitamente acessados em:
www.apartilhadavida.com.br*